

Revista Brasileira de Comércio Exterior

RBCCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXVIII

160

Julho, Agosto
e Setembro
de 2024

**As novas rotas da seda
marítima e terrestre**

Split Payment no Brasil

**A importância do Trader
para o comércio exterior**

Imagem de Gard Altmann por Pixabay



FUNCEX



**fundação
centro de estudos
do comércio
exterior**

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

EDITORIAL**2 Ganhos de comércio, política comercial e traders***Mário Cordeiro de Carvalho Jr.***ENTREVISTA****6 Roberto Medeiros Paula***Diretor Global Trade & Corporate Finance do Bradesco***COMENTÁRIO INTERNACIONAL****10 O MAM como sede do G20: de volta a seus dias de glória***George Vidor***AMBIENTE DE NEGÓCIOS****12 As novas rotas da seda marítima e terrestre***Claudia Hausner***CÂMBIO****16 Nova Política Cambial: Percepção do Mercado e o Posicionamento do Brasil nos Centros Financeiros Globais***Zilda Mendes***20 A implementação do *Split Payment* no Brasil***José Henrique Donisete Garcia de Campos, Paulo Cícero de Freitas Augusto Pereira e Fernanda Pastorelli***TRADERS****23 O papel da BRCC e a importância das empresas comerciais exportadoras brasileiras e de seus *traders* num mundo multipolar***Alfredo Cotait Neto***26 O crescimento de aventureiros no mercado de exportação de *commodities*: desafios e oportunidades***Alexander Von Erlea***29 Formação de *traders* de recursos naturais renováveis no Brasil***Renato Pitta***REGULAÇÃO****34 Governança Regulatória e transparência no setor elétrico***Fabianna Klaus Costa Camacho***40 Dispositivo médico de tecnologia assistiva: modo de entrada e internacionalização de uma *medtech* brasileira no mercado do Reino Unido***Abdul Temporario***LOGÍSTICA****48 Inovações e eficiência de custos na logística de exportação de algodão no Brasil: desafios e oportunidades***Natália de Araújo Saconi***52 *Demurrage*: cobrança excessiva e onerosa para os operadores de comércio exterior***Sérgio Pereira*

Nova Política Cambial: Percepção do Mercado e o Posicionamento do Brasil nos Centros Financeiros Globais



Zilda Mendes

Zilda Mendes

é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie, atua nas áreas de comércio exterior e câmbio

Desde janeiro de 2023, o mercado de câmbio brasileiro está sob novas normas criadas a partir da Lei 14.286, de 29 de dezembro de 2021, que trouxeram mudanças visando modernizar e simplificar as regras cambiais, que eram amplamente vistas como desatualizadas e excessivamente burocráticas.

Além de desburocratizar, buscando alinhar as operações cambiais aos padrões internacionais, as novas regras esperavam promover a inovação com o uso de tecnologias financeiras no mercado de câmbio com a inclusão de novos entrantes, tornando o ambiente mais atraente para investidores e aumentando a competitividade do país no cenário global.

Entre as facilitações que envolvem o comércio exterior, as novas regras permitem que empresas tenham maior liberdade para gerenciar seus recursos em moeda estrangeira no exterior, reduzindo o impacto da volatilidade cambial.

A flexibilização do uso de moedas estrangeiras no país também foi contemplada nas novas regras cambiais, permitindo que acordos comerciais sejam feitos em outras moedas além do real, beneficiando em especial as empresas que atuam no mercado internacional.

No que se refere aos incentivos ao mercado de capitais e investimentos, as mudanças visam atrair mais capital estrangeiro ao promover maior flexibilidade e alinhamento aos padrões globais, além de simplificar e facilitar a entrada e saída de recursos em moeda estrangeira no país, potencializando a competitividade e integração das empresas brasileiras na economia internacional.

Como todas as mudanças apresentam desafios em sua implementação, em especial quanto à adaptação por parte de empresas e instituições financeiras autorizadas a operar no mercado de câmbio, houve necessidade de atualizações nos sistemas operacionais e treinamento dos profissionais envolvidos. Após quase dois anos da implementação destas mudanças, busca-se saber qual é a percepção dos profissionais que atuam no mercado de câmbio em relação a elas, se as reações dos usuários têm sido positivas ou se há reservas e preocupações diante das novas regras em vigor.

Para isto, foi feita uma pesquisa por meio de um formulário/questionário apresentado aos profissionais que, de alguma forma, têm contato com as operações cambiais e acessam as minhas redes sociais. Esses se prontificaram em responder anonimamente. Assim, foram consultados profissionais que estão diretamente envolvidos com as operações cambiais de suas empresas para avaliar como as mudanças estão impactando o seu dia a dia e a eficiência de suas empresas.



Entender a percepção destes profissionais diante das mudanças implementadas e identificar se elas trouxeram melhorias ou dificuldades no fluxo de trabalho é muito importante para que façam ajustes nos processos. Assim, é possível garantir que as operações cambiais das empresas estejam alinhadas com as melhores práticas de mercado e com as expectativas de todos os envolvidos nestes processos.

Foram consultados 57 profissionais que exercem funções diversas relacionadas ao mercado de câmbio. Estes profissionais avaliaram 11 questões que abordavam tópicos como o nível de satisfação com a transparência e implementação das novas medidas, os impactos nas operações de suas empresas e as expectativas frente à mudança da presidência do Banco Central.

Começando pelo nível de satisfação com a transparência das mudanças introduzidas pela nova política cambial, 59,6% mostraram-se satisfeitos, 26,3% muitos satisfeitos, 10,5% indiferentes e apenas 3,5% insatisfeitos, o que leva a entender que o processo de comunicação foi eficiente, porém ajustes poderiam aumentar a clareza e a compreensão geral sobre as mudanças.

Sobre o suporte oferecido pelas autoridades financeiras para a implementação da nova política cambial, 10,5% estão muito satisfeitos, 45,6% estão satisfeitos, 31,6% se mostraram indiferentes e 10,5% insatisfeitos. Neste ponto, embora a maioria tenha considerado o suporte positivo, uma parcela importante dos respondentes o

considerou mediano ou insuficiente, o que indica que há necessidade de aprimoramento na orientação e assistência oferecidas pelas autoridades financeiras.

Quanto ao impacto da nova política cambial sobre o nível de concorrência no mercado de câmbio, os respondentes perceberam que houve um aumento significativo ou moderado, sendo que 33,3% acreditam que a concorrência aumentou significativamente, 47,4% relatam que houve um aumento moderado, enquanto para 19,3% o nível de concorrência não alterou e não houve nenhuma resposta que indicasse que o nível de concorrência tenha diminuído. Considerando que a maioria dos respondentes percebeu um aumento da concorrência, entendeu-se que a nova política cambial atingiu o seu objetivo de dinamizar o mercado de câmbio.

Quanto à entrada de novos participantes no mercado, 40,4% acreditam que a nova política facilitou significativamente, 42,1% consideram que se tornou um pouco mais fácil, 15,8% acreditam que não teve impacto e 1,8% acham que a nova política dificultou. Com estas respostas, a maioria concorda que, de forma direta ou indireta, houve a facilitação de novos participantes no mercado, o que reflete positivamente a abertura do mercado e aumento de competitividade, indo de encontro com os resultados esperados com as mudanças implementadas.

A facilidade de adaptação das empresas às novas exigências regulatórias foi considerada pelos respondentes como gerenciável, sem complicações, uma vez que 35,1% dos participantes estão muito satisfeitos, 50,9% estão satisfeitos, 12,3% indiferentes e somente 1,8% mostrou-se insatisfeito, reportando que a adaptação foi difícil e custosa. Isto sugere que a implementação das novas normas foi bem-sucedida na maior parte das empresas e que as dificuldades foram limitadas e localizadas.

As respostas sobre os impactos da nova política cambial sobre a eficiência das operações das empresas onde os respondentes atuam indicam uma percepção amplamente positiva, pois 22,8% estão muito satisfeitos, 64,9% satisfeitos, 12,3% mostram-se indiferente e não houve respostas que indicassem que as operações ficaram mais complicadas. Isto indica que a nova política obteve sucesso em promover mais fluidez nas operações ou que não foram introduzidas dificuldades nas operações das empresas.

Em relação ao impacto na competitividade das empresas no mercado internacional, os resultados da pesquisa mostraram-se muito positivos para 28,1% dos respondentes, positivo para 35,1%, indiferentes para 36,8% e nenhum deles indicou que houve redução na competitividade de

suas empresas. Considerando que nenhum respondente indicou uma redução na competitividade de sua empresa, pode-se entender que foi mantido o nível de competitividade, com possíveis benefícios para alguns setores.

Sobre a satisfação com as novas oportunidades de negócios geradas, a percepção dos respondentes foi de forma geral positiva, com algumas respostas que indicam insatisfação e indiferença sobre este ponto. Das respostas obtidas, 14,0% disseram estar muito satisfeitos com o surgimento de novas oportunidades de negócios, 52,6% mostraram estar satisfeitos, 29,8% se mostraram indiferentes e apenas 3,5% mostraram insatisfação. Apesar de uma boa parte das respostas ter mostrado indiferença e uma pequena parte ter se mostrado insatisfeita, isto pode indicar que em geral o cenário é favorável para o aumento de novas oportunidades.

A análise das respostas sobre competitividade após a implementação das novas normas cambiais, em comparação com os principais concorrentes das empresas onde os respondentes atuam, mostrou uma percepção positiva de forma geral, sendo que 19,3% consideram que suas empresas estão mais competitivas, 40,4% consideram que houve um aumento na competitividade porém não tão significativo, 35,1% não consideram que houve mudanças e 5,3% disseram que suas empresas ficaram menos competitivas. Mesmo que uma pequena parcela dos respondentes tenha indicado que suas empresas enfrentaram algum desafio e não conseguiram aproveitar as mudanças para melhorar sua competitividade, em geral pode-se entender que estas mudanças trouxeram mais benefícios do que dificuldades no ambiente competitivo.

A respeito dos benefícios que a nova política cambial trouxe aos clientes das empresas onde os respondentes atuam, em relação às melhores condições de mercado, a percepção ficou dividida, uma vez que 33,3% responderam que a nova política trouxe melhores condições, outros 35,1% consideram que houve benefícios mas com melhorias limitadas, 28,8% avaliam que as condições de mercado permaneceram iguais e 1,8% considera que as condições de mercado pioraram. Com estes percentuais apresentados, pode-se entender que a nova política trouxe benefícios para muitos, mas os seus impactos podem variar dependendo do setor e do perfil dos clientes destas empresas.

Por fim, foi perguntado sobre as expectativas em relação à política cambial sob uma nova presidência do Banco Central. As respostas apontam que 47,4% dos respondentes acreditam que o novo presidente do Banco Central manterá a política atual, enquanto 21,1% acreditam que serão adotadas políticas mais flexíveis e outros 21,1% manifes-

tam incerteza quanto ao direcionamento futuro da política cambial. Uma parcela menor, 10,5% dos respondentes, acredita que serão adotadas políticas mais restritivas.

Com estes resultados, nota-se que a nova política cambial foi bem avaliada pelos respondentes, com uma percepção positiva não somente em relação à comunicação, transparência e suporte por parte do Banco Central e demais autoridades, mas também em relação à adaptação às novas normas, competitividade, eficiência e criação de oportunidades de negócios.

Além da percepção dos profissionais deste mercado, busca-se saber ainda se estas mudanças estão sendo percebidas internacionalmente e se houve alguma alteração no posicionamento do país entre os principais centros financeiros do mundo, a partir da implementação de medidas facilitadoras nas movimentações financeiras internacionais.

Sabe-se que, de uma forma geral, o sistema financeiro brasileiro tem um bom conceito mundial. Nos últimos anos, tanto o Banco Central do Brasil, como o seu presidente, Roberto Campos Neto, receberam diversos prêmios internacionais, que reconhecem a sua atuação no desenvolvimento de políticas monetárias, inovações tecnológicas, promoção à inclusão e eficiência nas transações financeiras. No entanto, embora estes reconhecimentos internacionais sejam muito importantes, não colocam o Brasil entre os primeiros centros financeiros internacionais mais importantes do mundo.

Como base de análise e reflexão sobre este ponto, foi considerado neste artigo o Global Final Centres Index (GFCI), publicado pela Z/Yen Group em colaboração com o China Development Institute (CDI). Este relatório classifica os principais centros financeiros do mundo avaliando fatores como ambiente de negócios, infraestrutura, capital humano e reputação de aproximadamente 120 centros financeiros de todas as regiões do mundo.

Os relatórios são publicados nos meses de março e setembro de cada ano. Os resultados apresentados a partir de 2020 dos dez primeiros lugares no *ranking* dos principais centros financeiros e a classificação de São Paulo e Rio de Janeiro foram os seguintes:

- Março/2020 - Nova York, Londres, Tóquio, Xangai, Singapura, Hong Kong, Beijing, São Francisco, Genebra e Los Angeles. São Paulo ocupava a 83ª posição e Rio de Janeiro a 89ª.
- Setembro/2020 - Nova York, Londres, Xangai, Tóquio, Hong Kong, Singapura, Beijing, São Francis-

co, Shenzhen e Zurique. São Paulo ocupava a 80ª posição e Rio de Janeiro a 85ª.

- Março/2021 – Nova York, Londres, Xangai, Singapura, Beijing, Tóquio, Shenzhen, Frankfurt e Zurique. São Paulo ocupava a 104ª posição e Rio de Janeiro a 77ª.
- Setembro/2021 – Nova York, Londres, Hong Kong, Singapura, São Francisco, Xangai, Los Angeles, Beijing, Tóquio e Paris. São Paulo ocupava a 86ª posição e Rio de Janeiro a 69ª.
- Março/2022 – Nova York, Londres, Hong Kong, Xangai, Los Angeles, Singapura, São Francisco, Beijing, Tóquio e Shenzhen. São Paulo ocupava a 73ª posição e Rio de Janeiro a 70ª.
- Setembro/2022 – Nova York, Londres, Singapura, Hong Kong, São Francisco, Xangai, Los Angeles, Beijing, Shenzhen e Paris. São Paulo ocupava a 88ª posição e Rio de Janeiro a 90ª.
- Março/2023 – Nova York, Londres, Singapura, Hong Kong, São Francisco, Los Angeles, Xangai, Chicago, Boston e Seul. São Paulo ocupava a 99ª posição e Rio de Janeiro a 100ª.
- Setembro/2023 – Nova York, Londres, Singapura, Hong Kong, São Francisco, Los Angeles, Xangai, Washington, Chicago e Genebra. São Paulo ocupava a 106ª posição e Rio de Janeiro a 104ª.
- Março/2024 – Nova York, Londres, Singapura, Hong Kong, São Francisco, Xangai, Genebra, Los Angeles, Chicago e Seul. São Paulo ocupava a 85ª posição e Rio de Janeiro a 94ª.
- Setembro/2024 – Nova York, Londres, Hong Kong, Singapura, São Francisco, Chicago, Los Angeles, Xangai, Shenzhen e Frankfurt. São Paulo ocupa a 85ª posição e Rio de Janeiro a 90ª.

Observa-se que, no Global Financial Centres Index (GFCI) de março de 2024, São Paulo e Rio de Janeiro melhoraram significativamente suas posições comparando com o relatório anterior. São Paulo subiu 21 posições e Rio de Janeiro 10 posições. Segundo o próprio relatório, essa melhoria foi resultado do reforço do setor financeiro, do avanço das tecnologias financeiras e do aumento da competitividade na América Latina. Os progressos observados refletem os investimentos em infraestrutura e as inovações tecnológicas, como a adoção do PIX, além de políticas que têm facilitado um ambiente mais favorável para os negócios e investimentos.

“

Pode-se concluir que, a partir da pesquisa feita com profissionais do mercado de câmbio, juntamente com as posições de São Paulo e Rio de Janeiro entre os principais centros financeiros do mundo, os resultados estão sendo positivos. Esses resultados reforçam tanto o fortalecimento das políticas internas quanto o reconhecimento internacional do Brasil no cenário econômico global

”

No último relatório divulgado em setembro de 2024, São Paulo manteve a posição do relatório anterior e Rio de Janeiro subiu 4 posições. Na análise apresentada neste último relatório, tanto São Paulo quanto Rio de Janeiro apresentaram posições estáveis e competitivas na América Latina e no Caribe. A posição de São Paulo reforça “sua posição como um dos principais centros financeiros da América Latina” e seu desempenho “foi destacado pela sua resiliência e pela capacidade de continuar relevante, apesar da concorrência”. A melhora da posição do Rio de Janeiro no *ranking* o consolida “como um centro financeiro em ascensão, o que reflete o fortalecimento da infraestrutura e do ambiente de negócios no Brasil”.

Pode-se concluir que, a partir da pesquisa feita com profissionais do mercado de câmbio, juntamente com as posições de São Paulo e Rio de Janeiro entre os principais centros financeiros do mundo, os resultados estão sendo positivos. Esses resultados reforçam tanto o fortalecimento das políticas internas quanto o reconhecimento internacional do Brasil no cenário econômico global.

Por fim, para que se possa confirmar a percepção dos profissionais sobre os impactos da nova política cambial e os reflexos no posicionamento do país no mercado financeiro internacional, é necessário que novas pesquisas e acompanhamentos regulares sejam realizados, uma vez que, desde a sua implementação, vários ajustes já foram feitos nos normativos e certamente outros ajustes estão por vir. Isso permitirá identificar em detalhes os efeitos ao longo do tempo, o que garante que os benefícios observados até o momento possam ser maximizados e mantidos no longo prazo.